

**Histórias nada românticas que você não  
vai querer viver e nem achava que fossem  
possíveis**



Calvin Fernandes

**Histórias nada românticas que você não vai  
querer viver e nem achava que fossem possíveis**



Rio de Janeiro  
2017



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

## Histórias nada românticas que você não vai querer viver e nem achava que fossem possíveis

Copyright © 2017, *Calvin Fernandes*  
Todos os direitos são reservados no Brasil.

Impressão e Acabamento:

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Diagramação:

**PoD Editora**

Capa:

**Giovanna Oaken**

Revisão:

**Pod Editora**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

### CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F399h

Fernandes, Calvin, 1994-

Histórias nada românticas que você não vai querer viver... e nem achava que fossem possíveis / Calvin Fernandes. 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2017.  
324p. 21cm

ISBN 978-85-8225-130-0

1. Literatura brasileira. I. Título.

17-39021

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

10.01.17

13.01.17

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a todas as mulheres que citarei neste livro, porque se não tivessem me cruzado o caminho eu não teria histórias tão “maravilhosas” pra contar. Agradeço principalmente àquelas que me permitiram usar seus nomes verdadeiros, já que nem todo mundo quer ser lembrado pelo mundo de seu passado. Claro que houve aquelas que eu nem sequer consegui contatar (ou nem tentei por motivos de sobrevivência), então preferencialmente seus nomes mudarão em maioria, em respeito ao direito alheio à privacidade.

Agradeço a todos os amigos que usei como cobaias, enviando pedaços do que havia deixado pronto ao longo do tempo e relembro histórias nos detalhes que me escapavam: Phelipe, Karen, Mariana, Laís e quem mais eu estiver esquecendo. E em especial o pessoal do Monuma(\*), sempre presentes: Louro, Rique, Pedro, Gabira, Kadu, Geraldo, Davi, LF, LG, Breno, Pablo, Rappa, Alexandro e Zy, essencialmente.

Agradeço a todos os leitores do meu blog *“Aqui corre o tempo, mas a vida anda devagar”*, que me serviu como base pra lembrar muitas histórias e detalhes já esquecidos. O blog foi a minha primeira experiência literária, e a partir da qual muitos me incentivaram a buscar esse caminho.

Um agradecimento gigantesco à Giovanna Oaken, minha colega na faculdade, pela capa maravilhosa. Estou devendo muitas cervejas pra ela.

E agradeço a você, caro leitor, pela paciência de aturar as confissões de um jovem pretensamente maduro o suficiente para detonar a própria vida.

Adendo (\*): Monuma = grupo formado na minha 5ª série do Pedro II em 2005, através das reuniões constantes entre eu, Pedro Guaraná (Guarã), Gabriel Barros (Gabira) e Pablo – os 4 fundadores – do lado de uma pilastra em diagonal perto dos vestiários de

educação física. Todos éramos rockeiros metidos a filósofos. Ainda naquele ano entrariam para as reuniões Rafael Melo (Geraldo) e Guilherme Souza (Sosa), e no ano seguinte se juntariam a nós para completar a formação clássica: Carlos Eduardo Dias (Kadu), Raphael Carvalho (Rappa), Breno Paes, Davi Sena (Pastor) e Henrique Kovaliauskas (Kovak). Ainda durante o ensino fundamental, tivemos a ilustre presença de Lucas Masson (Marreco). Durante o ensino médio o Monuma se consolidou ainda mais com as chegadas de: Henrique Louro (Louro), Henrique Cardoso (Rique/Jordão), Lucas Nery (Zy), Luiz Felipe Oliveira (LF), Luís Gustavo (LG), e Alexandre Junior (Baby).

O nome surgiu da contração da palavra monumento, usada para se referir à pilastra após o afeto desenvolvido pelos membros do grupo pelo local. O uso constante gerou a contração, e o nome. Foi a partir deste grupo que solidifiquei muitos dos meus ideais, gostos e preferências, além de ter vivido algumas das experiências mais engraçadas e intensas, e feito os melhores amigos que podia ter, tanto dentro do grupo como pelo simples fato de estar lá sentado. Ao fim do ensino médio, éramos quase 20 membros. Dentre o legado deixado, o hábito de se sentar junto à pilastra para pessoas que simplesmente gostaram da nossa ideia, e o atual cenário de bandas de rock no Pedro II São Cristóvão – pouco mais de meia dúzia antes, hoje são dezenas desde nossa apresentação no festival da canção em 2008, e destas, 50% surgiu de membros do Monuma ou contatos próximos, que nos viram como exemplo e tomaram coragem de seguir seus sonhos. Serão 10 anos da irmandade em 2015

# Sumário

Agradecimentos.....	5
Nota do autor.....	9
Capítulo 0: Pretensos sinônimos de amor.....	13
Capítulo 1: Meu nome é Azar.....	37
Capítulo 2: Tainá e as plateias.....	59
Capítulo 3: Ana, The Blackbird.....	81
Capítulo 4: Jéssica e o primeiro “namoro”.....	111
Capítulo 5: Florentina na montanha russa.....	159
Capítulo 6: Larissa, a comparsa.....	229
Capítulo 7: Diana – Leão, Beleza e Espelho.....	273
Capítulo 8: A seca madura de 2013.....	295
Epílogo.....	324





## Nota do autor

**É pra rir. Rir muito.** Não tenha pena, que eu não mereço. Aliás, a única coisa que eu merecia vivendo essas palhaçadas todas era um tiro na cabeça. Já que a minha sorte nunca foi tanta, resolvi ser esperto e ganhar dinheiro em cima disso. Não sei exatamente quando vai ser lançado. Comecei no final de 2013, mas levei mais a sério em 2014. Já era um projeto antigo, traçado aos 15 anos de idade. Tomei coragem de fazer agora, nas minhas férias. O exemplo me foi dado pela colega Dominique Marques (que fará parte desta história). Não sei qual será minha realidade quando lançar isto. Serei um músico com alguma fama, um engenheiro de bem com a vida, ou nenhuma das duas coisas? Mas será lançado algum dia. E garanto, vai gerar muitas risadas. E quem se identificar, por favor, *mude ou se mate*, que ser que nem eu sou é castigo. Curtam.



Este livro é baseado em fatos reais, mas contém apenas a minha visão sobre os mesmos. Não tomem nada como verdade absoluta, dado que não existem verdades absolutas.

*Calvin Fernandes, a 14 de fevereiro de 2014.*



## Capítulo 0: Pretensos sinônimos de amor

Vamos imaginar que eu – autor e narrador – estou com você – leitor e interlocutor – em um barzinho por aí. Pode ser no Baixo Méier, ali na Praça Vanhagem da Tijuca ou se você tiver disposição, aqui pela Praia da Bica mesmo. Daí, por um comentário qualquer, o assunto foi parar em vida amorosa. E aí eu começo a contar uma história bem longa que vai demandar umas cervejas: esse é o tom com que vou fazer as coisas neste e nos próximos capítulos.

Este aqui, bom, decidi fazê-lo como uma espécie de apêndice, uma boa introdução ao que virá por aí. São histórias que não podem ser chamadas de amor ou paixão do sentido convencional, e nem sequer de algum sentido minimamente parecido com o que será constatado pelas histórias mirabolantes que se seguem nesta narrativa dramática e enjoativa.

Mas que envolvem pessoas que me marcaram de alguma forma engraçada na vida, e que ao invés de desaparecem como paixonites-relâmpago, simplesmente fizeram questão de se manter na minha vida. O que podia ser uma coisa romântica se tornou basicamente amor fraternal (embora isso seja uma linha bem fácil de transitar e ultrapassar dependendo dos acasos que ainda me vem pela vida). São casos bem icônicos. É a única parte deste livro que não seguirá ordem cronológica condizente com os outros capítulos. Merecem um destaque especial e resolvi tirá-las do miolo. *Hope you have fun.*

.....

O primeiro que merece, e muito, a minha atenção, é provavelmente o caso que ficou marcado como a piada constante da minha vida. A piada mais velha que me lembro, mas com certeza, **não vão me deixar esquecer**. Curiosamente, é o único evento dos que serão relatados em que provavelmente, não houve nada mais do que no máximo uma atração.

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

Bruna Oliveira é uma de minhas melhores amigas há anos. Já nos conhecíamos no Pedro II lá por 2005 ou 2006, mas eu nunca tinha ido muito com a cara dela. Sua irmã gêmea Beatriz (gêmeas diferentes), por outro lado, era minha colega de turma e éramos muito amigos. Mas eu achava Bruna esnobe. Muito, muito esnobe. Diria até nojenta. Sua presença em alguns momentos de reunião de amigos de sala me deixava um pouco inquieto.

Mas, quem vê cara não vê coração (eu tenho que acreditar bastante nisso, porque se fossem me julgar pela minha cara diriam que eu sou um grandessíssimo canalha, viciado e um cretino não muito elegante). Assim sendo, quando fomos parar na mesma turma de ensino médio em 2009, no 1º ano do integrado de meio ambiente, as coisas mudaram rapidamente.

O que costumava ser uma antipatia à primeira vista logo se tornou química imediata no convívio. Por algum motivo, quando passamos a ser da mesma atmosfera e conversar mais, **simplesmente nos acertamos**. Eu me sentia bem com ela, e ela parecia se sentir muito bem comigo. Não que fossemos um mar de rosas um com o outro tempo todo. Discutimos bastante, diversas vezes. E sem essas palhaçadas de indiretas infantis. Era na cara, com toda a ferocidade de tapas.

Éramos de fato muito amigos. Foi intenso. Eu não me recordava de ter passado de uma coisa tão oposta ao que eu pensava previamente tão rápido.

Logo começaram as observações, dentre amigos. Negar que Bruna era exatamente o tipo de mulher que eu tinha um fraco naquela época era meio difícil. Eu sempre fui um cara muito transparente, um livro aberto pra quem quisesse ler. Como estão fazendo agora, literalmente. Mas eu pra mim só tinha a amizade na cabeça.

E devido ao meu histórico (em breve vocês lerão sobre ele), *não seria nenhum absurdo supor que Bruna também não me via de outra forma que não como amigo*.

Até aí, tudo bem. 2 amigos que andam juntos demais, se dão bem, e pessoas mais próximas fazem uma ou outra piada sem que o outro saiba que a piada esteja sendo feita. Até aí.

Bom, naquele ano, era o aniversário das gêmeas de 15 anos. Você sabe como são essas datas, caro leitor. Toda aquela pompa, etc. Eu era um cara muito preso em casa, minha mãe sempre uma coruja neurótica que beirava à psicose. E eu, o primogênito, querendo me libertar. Nesta ocasião eu consegui. Não entendi bem por qual motivo. Claro, eu tinha horário pra ir e voltar, táxi me esperando e se eu não saísse na hora determinada teria que me preparar pra uma mãe maluca atravessando da Ilha até Higienópolis com o único intuito de me arrastar de forma humilhante pra casa. Mas, fosse como fosse, eu comemorava a pouca liberdade da ocasião.

Bruna e Bia estavam lindas, como é de costume nessas festas. Não que não fossem, sempre foram. Mas estavam em outro patamar aquela noite. Até que veio a hora do famigerado parabéns. Todas aquelas músicas tradicionais, do “*Ilariê*” até o “*Derrama*” tão batido e hilário das famílias católicas. Mas, se é festa de 15 anos, tem adolescente e pré-adolescente...

Não demorou pro “*Com quem será?*” para as meninas. Em separado, claro. Bia e Julio, um dos amigos que mais respeitei e gostei de conhecer naquele ano, já eram um casal conhecido.

O problema era indicar alguém pra Bruna.

Alguns nomes se confundiam na multidão. Por serem populares, Bia e Bruna tinham amigos de diversos grupos diferentes. Não que todos sequer chegassem a ser tão íntimos delas quanto eu sou até hoje. Mas havia uma diversidade grande de pessoas. Então cada grupo soltava o seu “noivo” para Bruna. O problema era que, no grupo onde eu estava no momento (sempre fui um flutuador. Meus melhores amigos se acumulavam em um grupo só, o Monuma\*, mas eu tinha grandes amigos de diversos “setores” da minha vida. Então eu nunca ficava preso, sempre rodava muito em festas conversando e interagindo com diversas pessoas. Pra um *nerd*, acabei me tornando popular de alguma forma), soltaram (e alto) o meu nome:

*“VAI DEPENDER, VAI DEPENDER, VAI DEPENDER SE O CALVIN VAI QUEREEEEEEEEER!!”*

Se alguém lá na frente ouviu, não percebeu. Saí discreto daquela meiuca, pra que não tentassem insistir. Mal sabia eu, isso era só o

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

começo da confusão (inserir voz de narrador da chamada da *Sessão da Tarde* ao ler a última frase).

Exatamente uma semana depois, meu aniversário de 15 anos. Pela primeira vez, resolvemos fazer algo um pouco grande, o suficiente pra trazer os amigos. Chamei todo mundo pra jogar um *society* no Iate Clube (como se eu fosse um craque). E dentre os convidados, Bia e Bruna.

Foi aí, e SÓ AÍ, que eu entendi porque minha mãe tinha aberto a porteira para mim na semana anterior. O olhar da minha mãe, pra Bruna, me era familiar. Ela já tinha feito isso pra outras garotas amigas minhas em outras ocasiões. Mas dessa vez era diferente. Era quase **obsessivo**.

Estava então criado o mito, e a pergunta que eu mais escutei em casa, pelo menos 3 vezes por dia, há cerca de 5 anos:

**“Como está a Bruna?”**

Bruna se tornou o objeto de desejo da minha mãe. Tudo que ela queria: nós 2 juntos. Minha mãe sonhava com isso. De verdade. Ela ignorava minhas paixões, vivências e até mesmo quando eu namorava.

Tá bom: é bem verdade que minhas namoradas não foram bem as melhores namoradas – ou sequer pessoas – do mundo, mas educação e respeito seria pedir demais? Pra minha mãe, aparentemente seria. Claro que ela não falava nada em frente a meus *affairs*, mas a falsidade podia ser percebida de leve. E ficava mais contrastante quando se encontravam minha mãe e Bruna, na minha frente com a garota que eu estivesse.

O que minha mãe ignorava, basicamente, era o fato de eu não ter desejo de ficar com a Bruna.

E mesmo que tivesse.

Bruna é provavelmente *a garota mais difícil de se amarrar que eu conheci na vida*. Viveu diversos casos rápidos e enrolados com gente um tanto quanto mais enrolada ainda. Aliás, enrolados eram até elogio pros caras que ela arrumava e me contava. Tinha muito mau caráter, gente que eu batia o olho e sentia até repulsa. Uma coisa de gostar de babacas, tara inexplicável. E antes que você que lê me acuse de ciúme, digo: ela mesma sabe de seu dedo podre, e o con-



firma comigo em conversas tiradas pra fazer graça dessas e outras histórias.

Sempre desapegada, não gostava de confusão. E também não se apaixonava por nada, basicamente. Brincamos entre nós:

*“O dia que você arrumar um namorado, me avisa. Eu vou alugar logo a beca, porque já vai ser o dia do seu casório. Ou do meu enterro. Serve pros dois casos mesmo...”*

Piada à parte, ela sabia que era osso duro. E eu sabia mais ainda. Não queria confusão, complicar o que era simples. Atração física, talvez. Mas daí a me ferrar num desenrolo péssimo? Não mesmo!

Mas isso é um pensamento que hormônios podem dispensar facilmente. E a Bruna do começo de 2009 já não era a Bruna do fim daquele ano, muito menos de 2010 e 2011. A garota encorpou. E quando você é um *nerd* que vive de raras ficadas, isso mexe com a imaginação. A química e a proximidade emocional influenciavam. Ainda mais que no começo de 2011 eu estava solteiro novamente, depois de 2009 e 2010 na maior *friendzone* da minha vida (o nome dela será constante em breve) e de ter sido chutado pela namorada que arrumei na segunda metade de 2010. A convicção “só amizade” começava a se tornar maleável. A única pessoa que sabia disso era Phelipe, meu melhor amigo (embora não fosse do Monuma, é o perfeito exemplo de como o lugar em si aproximava as pessoas). Minha mãe afirmava isso independentemente de ser verdade ou não, de qualquer maneira.

Passsei a definir nossa relação, na minha cabeça, como o que ela quisesse que fosse. Mas eu não me atrevia a dar um passo na direção de mudar isso. Eu sabia bem qual era o final, portanto, deixava essa ideia guardada – pra bem como é a ideia – o que ela quisesse. Tentava vivenciar outras coisas.

Até que se sucedeu um episódio um tanto quanto controverso. Algo que me fez pensar bem se o fim da história seria assim tão certo quanto eu imaginava.

Festa de aniversário da Alana, uma patricinha que morava aqui na Ilha. Chamou todos pra uma boate aqui mesmo, de noite. Era perto da Páscoa, então um bom presente seria algo com chocolate.

Dito e feito, minha mãe me trouxe não uma, mas duas caixas

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

de chocolate especiais pra dar. Embaladas em separado. Antevendo a tragédia, fulminei-a com raiva e disse:

*“É melhor essa segunda caixa não ser o que eu estou pensando.”*

*“É, sim senhor.”*

*“Mãe, você tá doida? Não é aniversário da Bruna. É aniversário da Alana!”*

*“Não me interessa. Você entregue isso pra Bruna. Se você deixar isso aqui eu vou lá levar. E se não entregar eu vou descobrir porque eu tenho o número dela – **sim, ela tinha** – e aí tu não sai mais tão cedo.”*

*“Tá bom, tá bom. Que merda...”*

Esse foi apenas um dos muitos presentes que eu já tive que entregar pra Bruna a contragosto. Mas voltando à história. Assim que Alana chegou, lhe dei seu presente. Percebeu o pacote extra. Indagou. Fui obrigado a explicar. Logo, toda a fila de conhecidos e amigos convidados pra entrar na boate já sabia o que ia acontecer e ia rir da minha cara.

Segue o roteiro: Bruna chegou. Ela fala com todos e quando vem falar comigo, eu apenas estendo o braço, sem nem olhar na direção dela:

*“Leva isso logo. E não fala nada, não me pergunta nada, pelo amor de Deus.”*

Ela já estava acostumada. E ainda ria na minha cara. Por algum motivo imbecil, Bruna adorava os mimos da minha mãe, mesmo sabendo de suas consequências. Eu ficava muito, muito, muito putado. *“Você ao invés de cortar a onda, fica dando corda...”*

Enfim. Já dentro da boate, a noite seguia legal e tranquila. Nunca gostei de boate ou música eletrônica, mas gosto de dançar. E se o meio requiere ouvir batida enjoativa, que assim seja, não vou dar ataque de garoto mimado e intolerante.

Num desses momentos de calmaria da noite, começaram aquelas baladas sertanejas e coisas mais lentas, românticas. Eu estava solteiro há quase um mês e não tinha a menor intenção de desenrolar uma baladeira. Até que, num lance, bateu uma ideia legal. *Se for pra atrair mulher, nada melhor que aparecer dançando grudado com uma mulher bonita.* Depois de ver mais um de seus amigos babacas dançando com Bruna, fui fazer o convite pra amiga. De fato, eu não

tinha outra intenção que não a dança. O rompimento era recente e eu ainda tive uns *flashbacks* com a ex, então eu só queria usar a tática da curiosidade feminina pras baladeiras me notarem naquela noite.

Eis a resposta:

*“Calvin, tem muita mulher por aí essa noite. Você acabou de terminar, devia ir falar com essa galera toda.”*

Subiu um ódio digno de cuspir todo o meu pior palavreado.

**Ela achou que eu queria ficar com ela.**

*“Só te chamei pra dançar, doida.”*

Pouco depois, fui pra casa. Mas você me pergunta:

*“Quê que isso tem a ver com você mudar esse pensamento sobre o que a Bruna acharia de ficar com você?”*

Tem a ver porque logo no dia seguinte, na aula, me vem a seguinte fofoca:

*“Pouco depois que você saiu, a Bruna ficou com fulano (o mesmo que ela havia dançado antes).”*

E quando a própria chega, vem e comenta:

*“Depois que você foi embora não aconteceu nada de bom.”*

DÁ PRA ENTENDER ISSO? Ela acha que eu quero ficar com ela, inventa uma desculpa horrível, e depois que fica com um maluco assim que eu saio, vem na minha cara dizer que não foi legal, que NADA LEGAL havia acontecido depois que eu vou embora? Não é loucura ao menos supor que isso queira dizer outras coisas. Implicava, ao menos, que ela não tinha gostado de ficar com o cara. Mas, cabeça de maluco é foda. Procurei afastar meu pensamento dessas suposições, mas não era assim tão fácil.

Até que dado dia, eu resolvi arriscar (*eu tinha que fazer isso, claro, era um verdadeiro “gênio”*). Mas precisava de alguma tática. Um jeito de não me expor muito, mas descobrir uma opinião, dar uma avaliada sobre as chances. Meu melhor amigo, Phelipe, se lembra desse dia como se fosse ontem.

Ainda se usava MSN, na época. Conversávamos, eu puxando assuntos bobos e vagos como sempre. Paralelamente, conversava com Phelipe, bolando ideias e atualizando sobre o andamento do assunto.

Nada melhor pra puxar informações do que uma troca mútua.

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

Disse que andava meio que gamando em alguém, mas não tinha certeza. Mulheres são *curiosas*, caro leitor. Saiba aticá-las, e se possível, usar isso contra elas. Funcionou na hora. Começou a me fazer perguntas. Eu não deixei barato:

*“Tá, eu posso até responder algumas coisas. Mas também quero saber outras.”*

E assim, durante mais ou menos meia hora, Bruna me fazia perguntas sobre quem poderia ser a pessoa. Eu jogava coisas bem gerais, pra não dar bofeira. A única coisa mais comprometedora foi quando ela me perguntou se era da nossa sala. *Seria plausível se fosse, meu histórico diz isso.* Então pra sustentar, confirmei. Ela começou com um bando de chutes. Eu negava quase todos, dizia que não daria mais informações além do que tinha dito. Ela achava ter encontrado sua resposta.

*“Sua vez. Pode ir abrindo o coração.”*

Quando Bruna começou, avisei Phelipe de que havia chegado o momento. Se tudo corresse bem, ia jogar na lata, e dali era marcar alguma coisa pra gente fazer sozinhos. Mas, como meu instinto havia anunciado muito antes daquela festa de aniversário na balada, não deu nem 5 minutos. Quando a menina anunciou que o garoto estava no primeiro ano (nós estávamos no terceiro), eu apenas virei pro Phelipe, num misto de adrenalina com frustração e ironia:

**“PLANO ABORTADO, PLANO ABORTADO!”**

Foi uma das conversas mais hilárias de que nos lembramos até hoje. Depois dessa noite, nunca mais nem pensei nessa possibilidade. Engraçado, o garoto do primeiro ano se tornou muito meu amigo e do Phelipe também. Breno Rebelo. Sujeito genial, e um bom parceiro daquele último ano tão fatídico. E claro, não conseguiu ficar um mês que fosse com a Bruna.

Bruna, é claro, nunca soube dessa história. Só saberá quando ler, mas vai achar graça. Pior, vai usar isso como piadinha entre ela e minha mãe.

*“Minha nora tá aqui falando comigo, olha só.”*

Porque eu me esqueci de comentar, também, que minha mãe comprou um celular mais moderno e conseguiu ter *WhatsApp* antes de mim. E óbvio, ela tem a Bruna nele.

Nossa amizade se estabilizou ao longo dos anos. E ela deve estar gargalhando, com a pompa de uma rainha, dessa história nova.

.....

As ironias do destino se fazem presentes agora, quando passo ao relato do segundo caso deste capítulo. E também a partir dele fica o caminho pra outro muito mais icônico, que será dramático.

Falo de Bruna Daniele, a gaúcha. E se você, caro leitor, não é bom com ironias, eu repito com ênfase e recurso visual. **Bruna** Daniele. E sim, as piadinhas com a Bruna Oliveira já eram constante da minha vida há algum tempo quando eu e a gaúcha nos “conhecemos”. Coloco as aspas porque cara a cara, nunca nos vimos pessoalmente. Bruna Daniele é a mais importante amizade virtual que tive em vida. E sim, ela existe, já conversamos pela *webcam*. Dentre outras coisas também.

Na época, pra você ver como a velocidade de mudança do mundo é um absurdo, a moda do pessoal brasileiro da minha idade era o *Orkut*. E nele, havia diversas manias. Dentre as principais, mandar depoimentos (os responsáveis pelo meu começo de produção literária, por assim dizer – com a intenção de passar uma mensagem querida para os amigos e amadas, eu sempre tentava caprichar, e esse preciosismo começou a me dar asas pra escrever tanto textos como melhorar minhas letras de música) e debater em comunidades.

As comunidades do *Orkut* eram um verdadeiro celeiro de oportunidades de conhecer gente legal e que tivessem coisas em comum com você. E os tópicos de debate e brincadeiras deixavam a chance de conhecer um pouco melhor os pensamentos e comportamentos de cada um. Pois bem, beatlemaníaco desde criança, eu não podia estar de fora de toda e qualquer comunidade que cultivasse amor ao Fab Four.

E se eu lembro bem, lá pela “*Beatles Forever*”, um dos tópicos mais movimentados era o jogo clássico: “*Dê uma música para a pessoa acima*”. Cada postagem era sucedida por uma música dedicada a quem postou anteriormente. E assim ia. Até que eu comecei a

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

perceber que andava trocando músicas em constância com a mesma pessoa. Uma menina bonita, de aparência doce. E ela também mandava muitas músicas pra mim.

Não demorou muito a adicionei no *Orkut*. E daí pro *MSN* foi um pulo. Logo de cara uma simpatia ímpar. A gente se divertiu muito, um com o sotaque do outro. Expressões como “capaz,” “guri”, “jubiloso”, “amução” e “vou te contar uma coisa pra ti” rapidamente me causaram estranheza e curiosidade. Por outro lado, ela morria de rir com minhas tiradas típicas da época como “tipo”, “geral”, “saparadaê”, “já é” e etc.

Fomos contando nossas origens, rotinas, histórias e dramas. Éramos semelhantes em muita coisa, **especialmente na forma de ver o mundo e no amor pelos Beatles**. Embora muitos dos meus amigos gostassem de Beatles, nenhum era tão aficionado quanto eu. E poucos gostavam de viajar em filosofias de bolso também. Ela, não. Bruna também não tinha amigos assim. Foi como se estivéssemos destinados a nos tornar amigos, pois aparecemos um pro outro justo talvez no momento mais crucial da vida onde se precisa de alguém assim, aquela fase de começo de ensino médio e o mundo batendo na sua porta.

E ambos percebemos essa necessidade mútua bem rápido. Falávamos todo dia. Sem exceção. Todo dia. E geralmente não havia nem sequer uma diferença mínima de 24 horas entre o começo das conversas. Sempre que me era possível acordar mais tarde, eu passava a madrugada inteira falando com ela. E vice-versa. Mal eu entrava no computador na noite do dia seguinte, subia a janelinha da gaúcha no canto direito da minha tela.

Trocávamos as músicas dos Beatles que não conhecíamos ou das quais não nos lembrávamos. Apresentou-me Fito Paez, mito da música argentina. Eu lhe recitei diversos livros e peças de teatro como o “*O pagador de promessas*”. Expansão cultural. E de forma engraçada, confessávamos histórias bestas. Ambos estávamos apaixonados por outrem, e em situações complicadas pra essa vivência. Ela melhor que eu, claro. Eu estava numa *friendzone* clássica. Já ela, era apenas problema de se encontrar.

*Mas o tempo e o destino são agentes ardilosos.* Essa proximidade

cada vez mais crescente me fazia adquirir um apreço pela menina. E em contrapartida, acontecia o mesmo lá em Viamão, sua área. Meias palavras se puxavam e não se completavam em meio à timidez. Ou medo de assumir alguma coisa que podia ser muito bonita, mas triste, devido às condições óbvias pré-estabelecidas.

Contava sobre ela para os amigos no colégio. Viam um sorriso largo na cara, de quem está impressionado. Algumas músicas dos Beatles começavam a ganhar um significado a mais. “*Do you want to know a secret?*”, “*Here, there and everywhere*” e “*All my loving*” passaram a ser mais que *hits* frequentes no meu mp3, eram pensamentos que só se faziam memória da “Suricata” (apelido que Bruna adquiriu pela postura reta e esguia, além de sua paixão por “*Timão e Pumba*”).

Pedíamos presentes um pro outro. Ela sonhava em ter um fusca idêntico ao da capa do *Abbey Road*. “*Quando eu for aí em Viamão, vou pra aí com um fusca desses e com seu nome escrito nele.*” – sentenciei. Não perdi tempo, comprei uma cópia remasterizada em CD do *Abbey Road* pra lhe dar de aniversário. Está ainda aqui comigo até hoje. Nunca tomei vergonha na cara de mandar pelo correio. Bem feito pra ela, que nunca me comprou a camisa do Loco Abreu da seleção do Uruguai direto de lá quando viajou. Quer rir? Tem que fazer rir!

Pasmem: **Bruna Daniele recebia apoio moral de minha mãe.** Se por um lado ela detestava eu ter começado a dormir apenas pelas 2 ou 3 da manhã quase todo dia, passou até a fazer piadas e me incentivar (um namoro a distância talvez fosse algo que drenasse as preocupações de minha mãe em relação ao meu tempo de estudo, pois namoros de corpo presente exigem tempo demais; fora que era uma Bruna). Pedia:

“*Qualquer dia desses, eu quero dar uma olhada nela, você se arranje logo.*”

Quando o evento aconteceu, eu falava com Bruna pela *webcam* (rara ocasião; aliás, era a primeira vez) e então minha mãe sentenciou:

“*Ai que menina fofa! É mesmo uma suricatinha!*”

Pra dizer de forma exata, após 25 dias falando um com o outro todo santo dia, a situação já estava claramente saindo de controle pra ambos. Era algo fofo (atente, não usarei este adjetivo com fre-

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

quência, costume abominá-lo salvo quando estou muito afetuoso pela pessoa), sofrido e sincero.

Talvez o ponto de revelação tenha sido quando Bruna me confessou ter sonhado comigo. O assunto do sonho:

Um fim de semana em Viamão com tanto a minha família como a dela reunidas. E os dois elos responsáveis pela união passando o dia todo juntos, se isolando por fim em uma colina de gramado bem tratado. E daí pra colar foi fácil.

É, ela sonhou com *nosso primeiro beijo*. *Acredite*. Não é exatamente algo legal pra um cara de 14, 15 anos ficar sabendo e não poder fazer nada.

Eu, mexido com isso, passei dias pensando no que estava acontecendo, e no que eu estava sentindo. Parecia não ser real.

Depois de muito declarar, conversar e avaliar, chegamos ao veredicto: de fato, havia um apreço entre nós superior à amizade. Mas nenhum dos dois era maluco, seria impossível dar asas a isso e viver um romance ou algo do tipo. Conclusão: não deixamos de falar com a mesma frequência e intensidade ao longo daquele ano (2009). Apenas havia o conhecimento mútuo da existência do sentimento, e o acordo de seguir as vidas de forma normal e em plena consciência de que acontecesse o que acontecesse, seríamos sempre amigos até nos encontrarmos. E que só a partir daí, então, dependendo das circunstâncias de nossas vidas nesse dia esperado, pensar na possibilidade de dar vida a esse carinho, essa paixão fácil. Vale dizer, o sentimento cresceu muito mais pelo nosso “convívio” do que pelas semelhanças ou aparência. **Engraçado, foi a primeira garota que me disse, com todas as letras, que me achava lindo.**

Fofo, gentil, gracinha, cavalheiro... tudo isso eu já tinha escutado. E até pego raiva de ouvir. Afinal, escutar esses elogios e continuar como o *forever alone* (quem criou o termo é um gênio) pode gerar uma controvérsia mental digna de revolta. Mas lindo, não. Foi um baque.

Não que eu tenha baixa autoestima, mas minha confiança se baseia apenas em mim mesmo e não se aplica em discurso com mulheres – qualquer uma poderia me achar prepotente demais e se o gosto geral das que tentei for regra, prepotente sem motivo algum e que não se enxerga no espelho.



Enfim. Seguíram-se papos e mais papos. E sempre havia um episódio em que uma das partes tentava burlar a conclusão; fosse por fraqueza, carência ou excesso de vontade.

Na maioria das vezes, eu que burlava, óbvio. Uma regra da vida é certa: em um casal confuso de adolescentes, quem pode se resolver primeiro é sempre a mulher – nunca falta pretendente nem coisa pra viver e acalmar as ideias. O homem tende a ficar mais perdido. E se levar em conta que o homem era eu, bota perdido nisso.

Era um cenário até patético. Bruna já tinha se dado conta de que não seria boa ideia e manteve-se fiel a essa convicção. Eu parecia querer ignorar um fato que eu mesmo havia contribuído a concluir racionalmente.

O carinho entre nós 2 se manteve, embora a frequência dos papos fosse diminuindo pouco a pouco. Afinal, alguma hora você começa a estudar um pouco que seja no ensino médio, certo? Isso foi acentuado porque eu comecei a me aproximar de certa paixonite que me faria passar o pão que o diabo amassou (por minha livre e espontânea vontade), e Bruna também começava a seguir seu rumo. Mas a troca de elogios e admiração parecia não ter fim entre nós 2.

E não teve, ao menos no curto prazo. 4 anos desde as primeiras conversas, nossa afinidade era quase a mesma. Passamos por diversas pessoas, sentimentos, acontecimentos. E mesmo quando namorávamos terceiros, havia aquela coisa no ar, de dois bobos que se adoram e ficam se vangloriando. Desabafos e conselhos. Às vezes até uma sensação estranha similar ao ciúme, mas claro que um pouco mais desapegado. Chegou ao ponto de trocarmos mensagens escritas em cadernos na *webcam*, porque o som não funcionava. Por quê? Não sei. Simplesmente queríamos nos ver, e mandar algo de especial.

*“Se não der certo com fulano(a), é porque estou esperando te encontrar mesmo.”*

E assim ia, com o tempo não piorando o que a distância já impossibilitava. Havia um quê de amor pronto pra brotar, só falta se encontrar. Claro, como já citado, depende de todas as condições deste encontro. Hoje, nem pra mim nem pra ela é negócio. De qualquer forma, não posso me dizer chateado em relação a isso.

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

Bruna Daniele, “arriada” como gosta de dizer, debatia comigo dos assuntos mais sérios e mais esdrúxulos em transições repentinas. Às vezes, me cobrava:

“E o fusca do Abbey Road que tu prometestes me dar? Aliás, guri, e o próprio Abbey Road que tu compraste e até agora não está cá comigo?”

“Calma Bruna, ainda passo em Viamão. Ainda passo em Viamão.”

Ao menos era esse o plano. Recentemente ela me excluiu no Facebook. Vai entender...

.....

O terceiro e último caso, e talvez o mais relâmpago deste capítulo, conta o que chamo de “amor candango”. Diretamente da terra que consagrara Renato Russo e a Legião, Capital, Plebe Rude e outros tantos músicos que revolucionaram a cena do Rock Nacional, me veio de encomenda **uma menina que se encaixava nos meus sonhos**.

Marina Serra não é apenas uma pessoa incrível. Na verdade, foi um achado. Literalmente falando.

Era a noite de 23 de maio de 2011. Até hoje, provavelmente, *a melhor noite da minha vida*. Motivo? Finalmente eu estava pra realizar um sonho que achava impossível: assistir a meu Beatle favorito, Sir James Paul McCartney, ao vivo e a cores. Não que ele não pudesse vir ao Brasil, mas a maior lenda viva do rock já havia dado as caras por aqui em território tupiniquim no ano anterior, só que em São Paulo e Curitiba. Quais eram as chances reais de que ele retornasse exclusivamente para reeditar a euforia de seu show no Maracanã nos anos 90? Aliás, o Maraca estava fechado pra obras.

Mas quando o Botafogo conseguiu o Nilton Santos (à época, ainda Engenhão) para ser seu estádio, planejou bem. E fazendo bastante jogo de marketing, atendendo aos pedidos de Paul e claro, apelando ao calor especial do público carioca (chorem paulistas, mas nada no mundo supera o *Rock in Rio* e isso tem algum motivo), conseguiu marcar 2 shows. 22 e 23 de maio. Consegui convencer meu pai a me comprar um ingresso.

Dito e feito, fomos ao estádio. Fiquei sozinho lá dentro, embora tenha marcado com alguns colegas de se encontrar. O problema é que o sinal estava péssimo e nada funcionava. Menti pro meu pai dizendo que eu já estava entre amigos (até parece que eu ia dar uma de burro de perder o show por causa disso), e ele desconfiou. Consegui driblar com explicações curtas e mal tiradas. Eu simplesmente não estava nem aí se meu pai ia me abandonar ali, me procurar ou talvez fazer um barraco. Eu não podia perder um segundo do que estava pra acontecer.

Um DJ colocava várias músicas do Paul dos tempos de Beatles e Wings pra tocar, a plateia já cantava em plenos pulmões. E eu tinha alguém pra encontrar. Uma velha amiga, que *talvez* eu possa ter considerado o amor da minha vida. Esse encontro será detalhado mais pra frente, mas o que posso adiantar de forma resumida é que: foi tão mágico quanto foi catastrófico.

Um pouco depois, lá estava eu. Sozinho novamente, procurando me afastar dessa pessoa e de meus próprios pensamentos, quando achei uma diversão. Já viram aqueles balões grandes patrocinados, que soltam para o povo ficar brincando de um lado pro outro? Pois bem. Eis que achei graça na brincadeira.

Comecei a tentar dar meus pulos pra acertar o diabo do balão. Não dava tão certo, afinal, posso não ser um anão, mas não me vejo chegando a 1,80m (e já estou no fim de minha provável faixa de crescimento). Só conseguia acertar o alvo quando me aglomerava perto de pessoas um pouco mais baixas ou próximas de minha estatura. Foi quando finalmente consegui acertar a bola, e golpeie-a pra direita. Avistando o resultado e esperando que ela voltasse, vi uma cena tão dramática quanto hilária:

**Uma menina linda**, mas bem diminuta comparada ao resto da multidão de gigantes ao seu redor, tenta acertar o balão. E provavelmente conseguiria, visto que se mexia em sua direção.

Só não avisaram pra 2 gigantes de aproximadamente 2 metros que ela estava ali no meio. O que se seguiu foi um sanduíche. Ela, no meio, esmagada pelos 2 brutamontes. E ia se repetir, pois os burros acertaram a bola de forma que esta subiu; e cairia exatamente no mesmo lugar.

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

Não pensei 2 vezes. Encarnei o espírito justiceiro e intercedi (talvez por isso meus amigos me digam que eu sou muito *White Knight*). Corri na direção driblando todo mundo, e me meti no meio afastando os malucos.

*“HEY HEY HEY... OLHA AÍ PORRA... A GAROTA, VOCÊS TÃO ESMAGANDO A MENINA!!”*

E ela quase caindo no chão. Estendi a mão pra puxar e ela não fez cerimônia, embora tenha me olhado de maneira curiosa.

Depois dos clássicos “*you está bem?*” “*caraca que confusão*” e etc, nos apresentamos.

*“Calvin.”*

*“Marina.”*

Ainda faltava muito para o show começar, então começamos a nos conhecer melhor. Ela estava com a mãe, que foi bem simpática comigo.

Já mais à vontade, pude reparar melhor na menina. **Era linda, linda, mesmo. E tinha um corpo escultural.** Falava com animação e vocabulário rico, apesar da excitação do show. Vinda de Brasília, Marina estava ali somente pelo show. Contou: tocava violão, baixo, guitarra e sax. Fiquei maravilhado:

*“Nossa cara! Que incrível que você é! Quantos anos você tem?”*

*“15.”*

*“PORRA, de onde você saiu?”*

*“Daqui ó.”* – e daí aponta pra mãe. Todos riem.

Conversamos mais e mais. Acabei por ter a certeza de que deveria passar o resto da noite ali, com a menina.

Quando os primeiros acordes de “*Magical Mystery Tour*” soam, nossa posição não é muito privilegiada pra ver o palco. E pra Marina, pior ainda. Eis que, já tirando uma casquinha, me ofereço:

*“Fica aqui na minha frente. Vou te levantar.”*

Por trás da menina, passo meus braços em volta da sua cintura e estendo no ar. Não foi muito alto, mas ela confirma:

*“Consegui!! Valeu.”*

Desci a menina, que me respondeu com o sorriso mais lindo que havia me deparado na vida até então. A noite já estava ganha.

Em alguns momentos mais críticos de emoção, ela subiu nas

costas de um amigo da mãe (pelo que entendi que era), um cara gigante. Confesso ter ficado com um pouco de inveja dele. Mas de fato era a melhor visão que ela poderia obter.

O show corria como um sonho. Paul cantava minhas músicas favoritas. Não fui capaz de conter o choro. E achava ali em Marina alguém semelhante, e talvez alguém que era tudo que eu queria ser.

A garota me ganhou mesmo nos rocks mais agitados. Na reta final, vieram “*Paperback writer*” e “*Helter Skelter*”. Ver aquele monumento de mulher quebrar tudo do meu lado, feliz e agitada, em polvorosa em cada acorde, foi demais. Extasiante. **Era como se eu não soubesse o que era se sentir vivo.** Óbvio que o show do Paul tinha mais influência nisso, mas a presença dela tornava esse efeito ainda maior em escala exponencial. Os dois tocando guitarras ou baixos imaginários, adivinhando cada *riff* e cuspidando das entranhas cada verso com paixão incomparável.

Quando se encerrou o show: os dois roucos, acabados, e felizes. Eu era só felicidade. Não sabia mais de nada da vida. Eu não sabia mais de preocupação em arrumar estágio, em estudar pra passar no 3º ano e pra passar no ENEM, eu nem sabia mais das minhas próprias músicas. Eu só sabia de 2 coisas: **De que havia realizado o maior sonho da minha vida, e que tinha sido muito mais maravilhoso do que eu poderia ter imaginado.**

Culpa da Marina, claro.

*“Foi muito massa, cara. Que lindo que foi.”*

Perguntei se tinha como me dar algum contato.

*“Marina Serra. Joga no Face, o resto tudo eu já excluí...”*

Segurei a vontade de desenrolar a garota em plena saída conturbada do estádio. A mãe dela estava ali, né. Aproximei-me desta, cumprimentei e agradei a companhia. Então me dirigi à Marina:

*“Foi muito incrível tudo hoje, e te conhecer foi maravilhoso. Espero que nos esbarremos por aí, sem que você seja esmagada no processo.”*

Risadas. Um abraço e um beijo no rosto. 2 minutos depois, encontrei meu pai e rumei pra casa.

Não tive tempo pra digerir as emoções. Estava em estado de choque. Cheguei pelas 2 da manhã em casa. Só dormi eram 3. Acordei ainda eram 5. Tinha aula, e um *nerd* caxias como eu não faltava.

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

Ainda mais quando se tem a oportunidade de mostrar a felicidade que eu estava sentindo, e contar pros melhores amigos detalhe por detalhe daquela noite mágica. E eu precisava dessa felicidade. Havia pouco tempo do término do meu primeiro namoro, e eu andava entre tentar *flashbacks* com essa ex e às voltas com uma menina já citada nesse texto. Conhecer Marina esvaziou completamente minha cabeça dessas histórias todas. Fiquei saudável. Confiante e tranquilo.

Quando finalmente voltei pra casa, não fiz outra coisa que não procurar no *Facebook*. “*Marina Serra*.”

“*Porra deve ter um milhão de mulheres com esse nome...*”

E nisso a minha esperança de que essa história ultrapassasse o clichê de “coisa de uma noite que não se pôde aproveitar mais” caiu consideravelmente.

Pra minha surpresa, reconheci de cara a primeira foto.

“*Não brinca que foi fácil assim...*”

**Não pude esconder o sorriso no rosto.** Adicionei logo. “*Marina Serra*”.

Demorou um pouco até ela aceitar. Não sei bem se estava viajando ou se lembrando de quem eu era. Seja como for, demorou. Quando dei por mim, já estava catalogada nos meus amigos. Passamos a conversar. Não com tanta frequência, mas sempre falando muito.

Descobri que era ativista política. Pudera, em Brasília, de cara pro Planalto Central, quem não seria? Muito culta, discutia coisas comigo de todo e qualquer calibre. Focando a política, fiz um pequeno discurso enunciando meus princípios, as coisas que acreditava.

*“O Brasil é todo, completamente errado. Corrupção aqui é parte da cultura. Não temos moral pra cobrar quase nada de nenhum político porque não somos capazes de nos disciplinar nós mesmos. Não acredito em governos, partidos como um todo. Acredito lá em algumas pessoas que tiveram educação, acesso à cultura diversificado e criaram consciência do que é melhor pra todo mundo, mas nem por isso se julgam completas donas da verdade nem tentam dar ordens. Não me interessa se é um sistema capitalista ou comunista, o ser humano é falho e nada pode fazer um em especial ser*

*100% infalível, ser aquele que deve liderar sempre. Democracia não é isso que vivemos hoje. Sou anarquista pacífico. Não acredito em porradaria pra resolver. Quebra-quebra político, talvez. Mas guerrilha? Só ferra quem não tem nada com isso e quer continuar vivendo. Todo sistema implantado tem falhas, não dá pra simplesmente tentar chegar ao lado bom de todos os sistemas e unir? Infelizmente o que manda é interesse de poder, dinheiro. Tá aí o mundo se acabando, sem natureza ou justiça, e gente que se isola achando que isso é liberdade. Podemos não ser livres dentro do sistema, mas fora dele também somos o quê além de sozinhos? Só dá pra mudar ele por dentro, devagar, batendo na tecla.”*

Claro que provavelmente não foram exatamente essas palavras, mas eu lembro bem desse dia justo pela resposta:

*“\*-----\* casa comigo?”*

Eu gelei. Geralmente sou eu que falo isso pra mulheres com quem me identifico de tal forma (e se eu tiver alguma atração física). *Mas uma menina me mandar isso foi uma baita surpresa.* Ficamos trocando diversos elogios. A amizade se intensificou.

Fiquei louco por ela. Obcecado pela existência de alguém tão maravilhosa. Mas seguia minha vida, apenas tentando não me apegar demais. Não dava pra viver uma coisa assim, a gaúcha já tinha me ensinado.

Marina nasceu de berço de ouro. Não é rica, mas tem condições boas, e pais que a incentivam. E usa bem o dinheiro. Viaja o mundo com frequência. Passou um bom tempo na Austrália. Costumava me contar como era difícil se adaptar a algumas coisas, principalmente a repressão a seu brigadeiro. Muito mais aérea que eu, e mais corajosa também. Marina não via limites para vivências. Encarava de tudo. Relatava o prazer de novas descobertas, e também o arrependimento de algumas. Mantinha sua paixão pela música, tão grande quanto a minha. Nossa identificação não podia ser maior. Quase todos os mesmos gostos, e também hábitos e talentos. Até as mesmas dificuldades. Nenhum dos dois era um Jimi Hendrix. E nenhum dos era um Freddie Mercury. Ou seja, pra quem ainda não entendeu: nenhum dos dois era um grande guitarrista ou violonista, e também sequer um vocalista de peso. Mas o sonho era certo: *“Vamos fazer sucesso na música, um dia desses.”*

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

O sonho se manteve. Cada um em seu ritmo, trabalhando nisso de alguma forma. Fora do Brasil na época dos protestos, Marina ansiava voltar e lutar por dias melhores. Adverti:

*“Fica de olho quando você chegar. Não tá fácil não.”*

Com certeza ela fez sua parte. Marina tem espírito de liderança. Desde aquela época, participava ativamente de movimentos políticos mundiais como o *WTF (World Towards Freedom)* e o *We are the 99% and we are not afraid*. Ela me inspirava. Ensinava também em algumas ocasiões. E eu devolvia na mesma moeda.

Isso aqui é um dos meus textos favoritos. Amizade reforçada, e paixonite contida (em situação semelhante à da gaúcha), escrevi *“Cometas”*, pra abordar essa nossa relação intensa onde a certeza do encontro era nula (e chegou a me parecer ainda mais quando tomei um susto um dia desses em que o *Facebook* de Marina estava desativado – por sorte meu enfarte foi contido quando ela retornou à rede social no dia seguinte). Repasso as palavras que deixei no meu blog:

“Coisas da vida, dessas que vagamente por alguns momentos nos forçamos a esquecer. Mas elas voltam. Voltam, basta à fagulha acertar a palha.

Coisas eternas. Quem sabe, de outras vidas.

Vai saber, alguém nos transitórios das existências em meio ao caos harmonioso do cosmos olhou nossas vidas passarem uma pela outra feito cometas, e no choque então tomarmos direções que nenhuma trajetória prevista pelos campos gravitacionais haveria de escrever.

Quantos choques celestiais nós interpretamos no ciclo do universo? Quantas vezes?

Não sei, mas sei que o choque desta existência foi suficiente para constatar a certeza de outros. E talvez, em contrapartida, nenhuma outra metáfora fosse mais exata: devem levar anos-luz para o nosso próximo encontro.

Mesmo que não literalmente, *serão para mim como anos-luz até que estejamos frente a frente.*

E o que me faz, então, ter esta certeza? De que, de pequenas em pequenas eternidades, estamos destinados a nos cruzar?



Podem ser nossas semelhanças, e são muitas. Diante da sua presença irrepreensível e de destaque, não me amedronto. Vê: sinto-me tão explosivo como as estrelas e ainda posso construir o rastro mais luminoso só pra registrar que um dia nos encontramos.

E o mais louco e viajado (sem que eu tirasse um pé de minha órbita enquanto você visitava os mundos longe de meu raio de alcance) é que você há de concordar comigo.

Digo com a mais tranquila e simples verdade: concorda! Porque sei o que se passa na sua cabeça sem presunção alguma de querer adivinhar. **Concorda em cada palavra comigo e eu sei disso.**

Me sinto o máximo assim. Me sinto um acontecimento. Mas não te diminuo em nada. Não consigo ver coisa capaz em tudo que conheço e possa conhecer que um dia te diminua.

Escrevo aqui meteoricamente, pra você, enquanto uma propaganda mostra Liverpool. Destino nenhum traça estas nossas coincidências, já me convenci que em algum momento das vidas passadas nós nos decidimos por isso. E agora é assim, e será.

Mudaremos em cada passagem terrena: seremos outras pessoas com outros valores; mas sempre conservando nossas essências e a semelhança entre elas.

E enquanto eu pensava em mais metáforas, me perguntei, “*Pra quê? Se foi nos choques dos corpos que a gente se encontrou pra poder se chocar, né?*”.

Nunca precisei de direção, errante eu fui te salvar ali, e o resto é história. Jamais esqueci aquele dia tão especial. Até hoje, pra mim, o melhor que já tive.

Mais uma vez eu torno: são só coisas da vida.

Vou tirar todo o proveito do próximo impacto, então te prepara e venha com toda a sua intensidade.

*Te espero em um ano luz.*”

Nesse seu interesse tão nobre e fascinante pelos tipos humanos, ela criou a *page Humanos de Brasília*: inspirada em *pages* do Facebook como o “*Humans of New York*”, Marina abriu espaço no Face-

Histórias nada românticas que você não vai querer viver...

*book* pra flagrar o cotidiano de sua cidade. Indagava coisas banais a quem passava e lhe chamava a atenção. Ouvia pérolas de sabedoria, conhecimento urbano. Se a Legião externou o interior do cotidiano dos jovens de Brasília para o resto do país, Marina fazia o mesmo sem escala de idade.

O sucesso da página, e a mãe repórter com bons contatos, levaram a menina dos meus olhos a aparecer na televisão. Avisou-me, e eu logo fiquei cheio de expectativa. Convidava os amigos:

*“Se liga aí galera, que hoje no Jô vai aparecer a garota mais foda que eu já conheci!”*

As pessoas se agitaram. *“Porra o Calvin pode ser exagerado, mas pra ele estar fazendo tanta propaganda só pode ser legal.”*

Dito e feito, se ninguém no Rio de Janeiro tinha algum motivo em especial pra assistir o Jô naquela noite, arrastei algumas cabeças pra prestar atenção.

Marina sobe ao palco de cara. Estava muito mais bonita do que me lembrava, mais encorpada também. Era mais mulher, mais madura. Gelei no sofá.

*“Putá que pariu, ela tá um arraso.”*

Jô conduzia a entrevista com tranquilidade. Curioso e até surpreso com a tenra idade de Marina e suas já bem desenvolvidas capacidades. Falaram sobre os protestos, sobre a *Humanos de Brasília* e o fato de Marina ser música.

Quando Marina começou a cantar os primeiros versos de *“Menina”*, composição sua que já tinha mencionado e me mostrado alguns vídeos de apresentações em Brasília, eu esperava reagir com um sorriso. **Qual não foi a minha surpresa ao notar que eu estava aos prantos.** Aos prantos, chorava copiosamente!

Pensei inconformado: *“Mas que merda há de errado comigo?”*

E quisera eu dizer que é mentira. Minha prima foi testemunha do choro e ria tanto que chorou também. Eu estava emocionado olhando pra Marina. Não sei bem o que era. Saudade, admiração, paixão, não sei. Mas eu estava muito mexido, vai ver era coisa de Lua e astros e tal.

Até arrumei briga por causa dela. E foi bom, me despertou pra enxergar algumas coisas que eu fazia vista grossa.

## Calvin Fernandes

Conversamos nos dias seguintes à sua aparição. Estávamos em perfeita sintonia, e mais maduros que nunca. E eu, completamente arrebatado por ela. Confessei a atração fatal, de forma despretensiosa.

*“Você aqui no Rio ou eu aí em Brasília, eu não ia resistir de maneira alguma.”*

Ela fez graça, mas não recuou. Até me dava dicas pra sair da seca e da solidão. E dizia:

*“Fica bem tranquilo. Você sabe muito bem que eu não vou deixar de passar no Rio de Janeiro assim que possível. Aí, a gente sai e conversa. =)”*

Conversa à parte, seria capaz de largar minha carreira pra seguir essa garota em turnês. Um dia desses, ela estará em alguma, com toda a certeza. Tem talento de sobra. E carisma.

Ela encarna tudo de melhor que tem em Brasília. Foi-se viajar cantando por aí, pelo que eu soube. Do que acompanhei, mudamos um pouco de posição política (eu continuei anarquista, porém mais agressivo e dando força aos raros políticos engajados e honestos de esquerda; já ela se comprometeu mais com a causa ambiental independente da orientação de espectro das figuras), e também melhoramos muito na música. Faz algum tempo que não conversamos. Quem sabe uma *jam*, no futuro. Em um ano luz, quem sabe.